

E. LAPA CARNEIRO

# Donde vem a confusão entre Louças do Prado e Louças de Barcelos



BARCELOS  
1962



8.3(469.12)(04)  
AR





**Donde vem a confusão entre  
Louças do Prado e Louças de Barcelos**



*Barcelona Perm.*





E. LAPA CARNEIRO

**Donde vem a confusão entre  
Louças do Prado e Louças de Barcelos**

BARCELOS  
1962

Publicado no «Jornal de Barcelos»  
n.º 646, 26/7/62



«**C**HAMA-SE louça do Prado às olarias fabricadas em muitas freguesias dos três concelhos de Vila Verde, Barcelos e Braga, principalmente nos dois primeiros. Prado é uma freguesia de Braga (1), onde realmente se fabrica desta louça, mas em pequena quantidade. Ninguém sabe explicar como esta localidade deu o nome às olarias fabricadas numa área relativamente extensa, embora todas com o mesmo carácter.» Estas palavras, que Charles Lepierre transcreve no seu *Estudo Chimico e Technologico Sobre a Ceramica Portuguesa Moderna* (2), escreveu-as Rocha Peixoto antes de 1898 (3).

Em *As Olarias do Prado* (4), trabalho que tem a data de Outubro de 1899, reafirma R. Peixoto: «Sob a denominação genérica de loiça de Prado encontra-se em vários mercados do Norte do país o vasilhame popular fabricado nos três concelhos de Barcelos, Braga e Vila Verde.» (5) E novamente também mostra que sente a pouca propriedade da designação: «... a cerâmica mate e a envernizada produzem-se indiferentemente em lugares vários dos concelhos aludidos, tomam a denominação duma freguesia em que o fabrico é diminuto e só excepcionalmente, em mercados distantes, recebem o nome de loiça de Braga ou de Barcelos.» (6)

Desta vez, porém, tentou uma explicação: «...os [oleiros] dos 3 concelhos minhotos constituem uma grande corporação solidária na tradição formal e decorativa, na apropriação da argila dum mesmo e grande jazigo (...), na técnica, por fim. O sentimento do facto determinou vulgarmente a generalização dum só nome à loiça fabricada numa área relativamente vasta, quando afinal em Prado a manufactura é muito restrita e hoje



quase limitada aos produtos das telharias.» (7) Bem deixa transparecer aqui o notável investigador que a verdadeira causa da anomalia se lhe escapou. Com efeito, se o que aduziu explica um nome comum, não explica já que este seja o de uma freguesia onde a produção, confrontada com a de outras freguesias da mesma área, era diminuta.

\*

Tenho que ficará o problema esclarecido considerando a anterior divisão administrativa e a rota que seguia, na época, a louça do Prado na sua expansão comercial.

A vila do Prado foi cabeça de um concelho fundado por D. Afonso III (que lhe deu foral em 1260) e extinto por um decreto de 24 de Outubro de 1855, tendo sido então as freguesias que o compunham repartidas pelos concelhos de Braga, Barcelos e Vila Verde (exactamente os mesmos que enumera R. Peixoto) (8). Das freguesias hoje incorporadas no concelho de Barcelos pertenciam ao do Prado as seguintes: S. Veríssimo do Tamel, Manhente, Santa Maria de Galegos, S. Martinho de Galegos, S. Vicente de Areias, Lama, Ucha, Oliveira, Roriz e Igreja Nova (9). Quer dizer: toda a zona cerâmica de Barcelos (com excepção da Pousa, na margem esquerda do Cávado) pertencia ao concelho do Prado! É visto que neste grupo está incluído o núcleo de freguesias onde mais avultava a produção de louça, como o próprio R. Peixoto no-lo diz —: implicitamente ao citar Barcelos sempre à frente de Vila Verde e Braga, mas também explicitamente (10) —, tanto basta para compreender a designação (11). Até 1855, enquanto existiu o concelho do Prado ela era legítima (12). Naturalíssimo é, todavia, que tenha persistido para além dessa data, dado o peso do hábito colectivo, capaz de manter vivos costumes e expressões que a lógica diria mortos. A distinção no mercado entre as louças que provinham de Barcelos, Braga e Vila Verde ter-se-ia operado lentamente, verificando-se agora a tendência para serem todas absorvidas na denominação de louças de Barcelos. Com efeito, num rápido in-



quérito na feira de Barcelos, averigui que aí se vendia também louça de Cabanelas, Cervães e Oleiros (freguesias de Vila Verde), a qual, evidentemente, passa por ser de Barcelos (13).

\*

Sobre a rota que, na expansão comercial, seguiam as louças do Prado, presumo que Braga seria um importante centro comprador (através do Prado) e promotor da sua dispersão. A importância que tiveram os comerciantes de Braga nessa expansão, põe-na R. Peixoto em evidência quando, referindo-se à especulação de que eram objecto os oleiros, fala dos «honrados mercadores da cidade augusta» (14).

Tal como hoje, os oleiros dependiam nesse tempo do intermediário para a colocação da maior parte do fabrico. Os intermediários locais, de que também fala R. Peixoto, não seriam então bastantes (ou funcionariam como intermediários entre produtor e outros intermediários), e daí o relevo dos honrados bracarenses. Ao contrário, hoje o «armazenista», indígena ou adventício, fixa-se na própria região, e aí o vemos prosperar.

Bem podemos cuidar que, em parte pelo menos, o aspecto semi-urbano de algumas porções da estrada que liga Prado a Braga (15) testemunha uma intensa troca de mercadorias entre as duas localidades. Como, além disso, a maior parte das casas alinhadas ao longo da estrada acusam decadência, não julgo arriscado concluir que hoje tal comércio está reduzido relativamente ao que foi, redução que, com certeza, não se operou nos produtos hortícolas.

Esta hipótese, se não é necessária para resolver o problema, ajudará contudo a compreender a persistência da designação. Demanda, no entanto, o estudo dos documentos da extinta Câmara Municipal do Prado que porventura se conservem no Arquivo Distrital de Braga, os quais, a este e a outros respeito, pode ser que reservem interessantes revelações.





## NOTAS

(1) Houve um lapso: na realidade Prado é (e era então) uma freguesia de Vila Verde.

(2) Lisboa, 1899, p. 39. Ou: 2.<sup>a</sup> edição, anotada (*Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 78), Lisboa, 1912, p. 33. Nesta transcrição e nas seguintes, onde houve para isso lugar, actualizei a ortografia.

(3) A portaria que mandou imprimir, por conta do Estado, o trabalho de Charles Lepierre é de 18/2/898. Vd. p. 5 da 1.<sup>a</sup> ed., ou p. 3 da 2.<sup>a</sup> ed.

(4) In *Portugália*, t. I, pp. 227-270.

(5) *Ob. cit.*, p. 232.

(6) *Ob. cit.*, p. 233. Ficaria, portanto, na classificação que apresenta R. Peixoto (p. 233), excluída desta denominação apenas a loiça negra fabricada em Parada de Gatim (Vila Verde). O seguinte passo de Ramalho Ortigão, interpretado de uma das duas formas possíveis, desmente, porém, a excepção: «A panela preta de barro de Prado ferve solitária sob o testro no pequeno lar enfumado, à fogueira de cepas e de agulhas de pinheiro, entre os dois escabelos de castanho.» (*Entre Minho e Douro*, Setembro, 1885, in *As Farpas*, t. I, 4.<sup>a</sup> ed., Lx.<sup>a</sup>, 1925, pp. 11-12). Por nada dizer em contrário quando cita o presumível dito de Fr. Bartolomeu dos Mártires (p. 269), e por empregar, p. e., uma expressão como esta: «a pequena estatuária dos oleiros de Prado» (p. 251), creio que dá o figurado como sendo abrangido na designação.

(7) *Ob. cit.*, p. 263. Como as transcrições mostram, não foi R. Peixoto que deu o nome de louça do Prado a toda a fabricada nos três concelhos. Talvez por fazer o comentário muito tempo depois de ter lido o trabalho de R. Peixoto, J. S. P. de Villas-bôas (*Notas de Cerâmica Popular — Escritas e Marcas de Oleiros — Apontamentos Sobre «Olarias de Barcelos»*, in *Ethnos*, vol. II, Lx.<sup>a</sup>, 1942, pp. 339-359) atribui o baptismo a R. Peixoto: «É possível, mesmo natural até, que Rocha Peixoto tenha feito ponto de partida para os seus estudos de Prado, dando à indústria o nome da terra por ser de maior valor que qualquer das freguesias onde ela se encontra no concelho de Barcelos. / Na tradição popular não encontrou o mestre tal designa-



ção pois, se em Braga lhes chamam de Prado, em Barcelos se cognominam de aí.»

Abona, em minha opinião, o que a este respeito diz R. Peixoto a seguinte notícia publicada por *O Comércio do Porto* de 27/7/861: «*Romaria e feira.* — Teve anteontem lugar no concelho de Bouças [nome que nessa altura tinha o concelho de Matosinhos] a romaria de S. Tiago de Custóias, na freguesia deste nome, e a costumada feira de louça de Prado, que tão procurada é pelos povos daquelas redondezas, que ali afluem e tornam importante aquele mercado anual, que se ostenta à sombra dum pitoresco e copado arvoredado.» Não se diz aí, é certo, donde provinha a louça, mas nós sabemos que os baristas de Barcelos vão hoje para as festas e romarias do Porto e dos seus arrabaldes, e sabemos ainda como estes hábitos se transmitem de geração em geração.

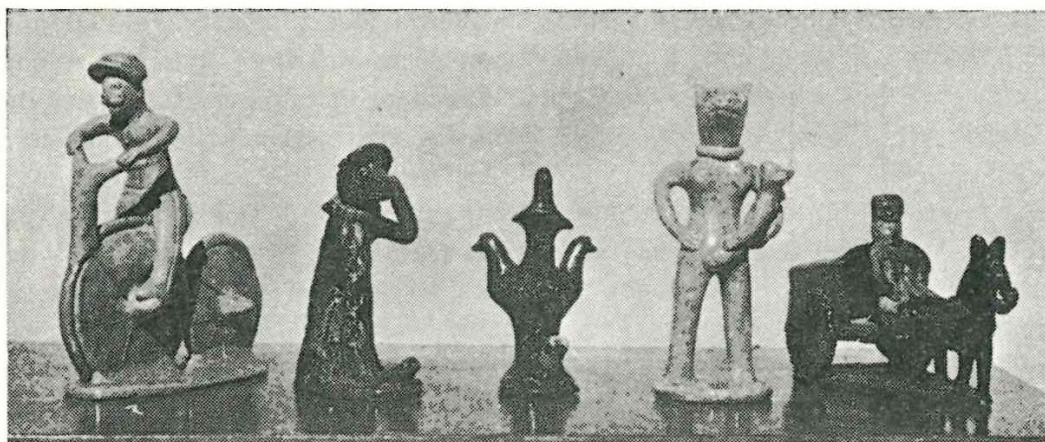
R. Peixoto refere-se (*ob. cit.*, p. 265) à feira de louça na romaria do Sr. de Matosinhos, a qual feira ainda hoje se faz e é conhecida por *feira da louça de Barcelos*. Rosa Ramalha, a conhecida bonequeira de S. Martinho de Galegos, ia dantes para as seguintes festas: S. Gonçalo (V. N. de Gaia), Sr.<sup>a</sup> da Hora (Matosinhos), Sr. de Matosinhos, S. João das Fontainhas (Porto), Sr. da Pedra (Gulpilhares — V. N. de Gaia), Sr.<sup>a</sup> da Saúde (Paranhos-Porto), S. Cosme (Gondomar). Ainda hoje, apesar da idade, tal é o apego a essa «vida de cigano» que ela, na altura própria, lá vai com uns caixotes de louça montar barraca para algumas das festas enunciadas (a lista compreende tão-só as que se realizam dentro do Porto ou nas suas redondezas).

Ainda, de certo modo, podemos considerar a expressão «vai buscar um homem de barro a Prado» (que alude ao figurado) e suas variantes, como sobrevivência da aplicação do nome genérico de *louça do Prado* a toda a produzida nesta zona.

Diz José Augusto Vieira (*O Minho Pittoresco*, t. I, Lx.<sup>a</sup>, 1886, p. 408): «O *barro* de Prado passou mesmo a ser considerado, nas ironias populares, como a matéria-prima para modelar o tipo do pretensioso. / — Se os quer melhores mande fazê-los a Prado — dizem quando se nota algum defeito ou má qualidade achada por um rigorismo fátuo.» Mantém-se o costume, em algumas localidades, de levemente satirizar as pessoas que encontram demasiados defeitos nas outras (p. e.: a dona de casa que, por ser muito exigente, não conserva muito tempo as criadas ao seu serviço, ou a rapariga que tem namorados sucessivos por nenhum a satisfazer) dizendo-lhes: «Assim só em Prado», «Manda-o fazer a Prado». E falando duma dessas pessoas: «Que o mande fazer a Prado».

A primeira variante colhi-a em Braga e as três últimas em Esposende. Mas ouve-se também e ainda a mesma expressão em Barcelos, conforme me dizem barcelenses dignos de todo o crédito, o que aliás se compreende. Motivo seria para admiração que, correndo a expressão por terras de Esposende e Braga, — e dado que quem na usa não tem consciência da sua origem, — Barcelos, a meio caminho, se mantivesse fechado a ela.





BONECOS VIDRADOS. Da esquerda para a direita: 1 — *Ciclista* (Rosa Ramalha, S. Martinho de Galegos); 2 — *Macaco* (*idem*); 3 — *Pombal*, altura: 0,14<sup>m</sup> (*idem*); 4 — *Bicho feroz* (*idem*); 5 — *Carroça* (João Maciel, S. Vicente de Areias). Da colecção do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Vítor Manuel de Almeida.



BONECOS PINTADOS. Da esquerda para a direita: 1 — *Cabeçudo* ou *pai velho* (Rosa Ramalha); 2 — *Pirata*, alt.: 0,55 (Rosa da Rocha, St.<sup>a</sup> Maria de Gal.); 3 — *Mulher com cesto de ovos à cabeça* (*idem*); 4 — *Imitação* (Rosa Ramalha). Da colecção do autor.



Não obstante, já no tempo de R. Peixoto a indústria cerâmica em Prado estava reduzida quase só às telharias e concentrava-se sobretudo em Galegos (St.<sup>a</sup> Maria e S. Martinho) a arte da « pequena estatuária ». Fazendo fé nas informações que obtive de várias pessoas, apenas em algumas freguesias de Barcelos se fabrica hoje figurado. E ontem não teriam as mesmas esse « exclusivo » ?

Aproveito o ensejo para acrescentar que, segundo me diz uma outra pessoa, do mesmo modo se usa em Lisboa atribuir a Prado o privilégio de fornecer « homens » perfeitos ou ao gosto de cada um. Creio, porém, que apenas entre os minhotos radicados na capital terá aí curso a referência a tal privilégio.

Sobre o dito atribuído a Fr. Bartolomeu dos Mártires (J. A. Vieira, *ob. cit.*, p. 408) deter-me-ei noutra oportunidade.

(8) P.<sup>e</sup> António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*, . . . , t. I, 2.<sup>a</sup> ed., Braga, 1868, p. 218; Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 7.<sup>o</sup>, Lx.<sup>a</sup>, 1876, pp. 648 e 654; J. A. Vieira, *ob. cit.*, t. I, Lx.<sup>a</sup>, 1886, p. 409; Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, Barcelos, 1948, vol. I, pp. 260-261. Aliás Teotónio da Fonseca é contraditório (ou parece-me que é) a este respeito. Se num lugar data de 1855 a incorporação das freguesias que pertenceram a Prado no concelho de Barcelos, noutro (p. 122) diz que foi por decreto de 21/3,835 que ela se deu. Teria havido duas reformas administrativas? Para o nosso caso tanto faz uma como duas, 1835 como 1855. Possivelmente nem será este um problema difícil.

(9) Teot. da Fons., *ob. cit.*, vol. I, pp. 122, 252, 260, 261, 291, 306, 381 e 394.

(10) *Ob. cit.*, p. 264.

(11) Também as freguesias de Cabanelas, Oleiros e Parada de Gatim, integradas hoje no concelho de Vila Verde, e que estavam abrangidas na área de fabricação de *louça do Prado*, pertenceram ao termo de Prado. Vd. P.<sup>e</sup> A. Carvalho da Costa, *ob. cit.*, p. 219.

(12) E se porventura alguma das freguesias dos actuais concelhos de Vila Verde e Braga fazia parte da zona cerâmica do Prado sem nunca ter pertencido ao seu concelho, já o facto se explicará pela identidade de formas, material e técnicas (que o *habitat* disperso determina ou possibilita), tratando-se de pequenos focos na periferia duma mesma e grande zona.

(13) De tudo isto resulta a possibilidade de confusão entre os autores que têm escrito sobre a cerâmica desta zona. Nos exemplos seguintes creio que tal confusão existe (derivada talvez, nos dois primeiros, dos próprios catálogos das exposições referidas nos fragmentos transcritos):

De Joaquim de Vasconcelos (*Cerâmica Portuguesa — Estudos e Documentos Inéditos*, série II, Porto, MDCCCLXXXIV, p. 94): « Os concelhos de Vila Verde e de Barcelos, especialmente, têm um grande número de expositores [na Exposição de Cerâmica, de 1882, no Porto], distribuídos por





BONECOS PINTADOS. Da esquerda para a direita: 1 — ? (Rosa Ramalha); 2 — Carrocho (*idem*); 3 — Bicho homem a cavalo, alt.: 0,17 (*idem*); 4 — Raposa (*idem*); 5 — Sereia (*idem*). Da colecção do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Vítor Manuel de Almeida.



BONECOS PINTADOS. Da esquerda para a direita: 1 — Diabo a tocar rabeção com o rabo (Domingos Gonçalves Lima, Santa Maria de Galegos); 2 — Macaco (*idem*); 3 — Velho, alt.: 0,18 (Rosa Ramalha); 4 — Macaca (*idem*); 5 — Mulher a tocar rabeção (*idem*). Da colecção do autor. Para não sobrecarregar as legendas com ainda o ano em que cada uma das peças foi executada, direi aqui tão-sòmente que as mais velhas são de 1959 e as mais novas do ano corrente. Não chegam as quatro gravuras para mostrar que persistem o espírito, as formas e até os modelos que R. Peixoto descreveu? Fotografias do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Carlos Alberto Vieira de Sousa Basto.



numerosas freguesias.» E dois parágrafos abaixo: « Não menos notável é a região de Braga e Guimarães. A louça popular do Prado é célebre em Portugal. Vieram de lá formas admiráveis.» Parece aqui que a famosa louça *do Prado* nada tinha a ver com a de Barcelos, quando afinal o melhor daquela, pelo menos o mais abundante, era nessa altura de Barcelos.

De Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*, nova edição, Lx.<sup>a</sup>, 1957, p. 61, nota 140): « Outros [bonecos] do Prado, também muito lindos, viam-se na Exposição Cerâmica de 1901.» Tudo leva a crer, a meu juízo, que teriam sido confeccionados esses bonecos em freguesias então pertencentes a Barcelos. Já R. Peixoto dizia (*ob. cit.*, p. 238): o « centro principal de fabricação [da estatuária] é em Galegos, no concelho de Barcelos ». Sei, através do sr. João de Macedo Correia, que nessa exposição participaram, e foram todos galardoados com menção honrosa e medalha de cobre, os seguintes ceramistas: Domingos Ferreira (Manelo), da Lama; Joaquim José da Fonseca (Fábrica do Pinheiro), da Lama; Joaquim de Macedo Correia, de Areias; e Joaquim da Eira, da Pousa.

O semanário barcelense *Regenerador-Liberal* publicou, durante o ano de 1904 (desde o n.º 31 — 17/1/904 — até o n.º 70 — 16/10/904), um anúncio da Typographia e Papelaria Soucasaux, no qual, além do mais, se lia: « *Cerâmica*: Temos à venda a do tipo da Baviera. Há uma diversidade de peças interessantes, a escolher, em lotes de 50,60,70,80,100 réis e mais preços. Breve contamos ter em depósito a tipo das Caldas da Rainha. Que ambos se fabricam neste concelho.» Que parentesco haveria entre estas peças e os « muito lindos » bonecos de G. M. de Vasconcelos?

Luís Chaves, na esteira de R. Peixoto, em *Os Barristas Portugueses (Nas Escolas e No Povo)* (Coimbra, 1925) refere-se em vários passos às características dos bonecos *do Prado* e relativamente aos de Barcelos tem apenas uma ligeiríssima alusão (p. 56); em *A Arte Popular — Aspectos do Problema* (2.<sup>a</sup> ed., Porto, 1959, pp. 22-23) também considera distintos os bonecos *do Prado* dos de Barcelos, e dá como extinta a produção dos primeiros conforme os descreveu R. Peixoto.

Por outro lado: Este mesmo autor em *Ânforas Portuguesas* (in *Atlântida*, ano II, n.º 16 — 15/2/917 —, pp. 269-276) destaca Prado entre os centros minhotos produtores de cântaros, e outrossim distingue os cântaros do Prado dos de Barcelos (p. 274). No capítulo *Cerâmica* de *A Arte Popular em Portugal* (vol. II, Lx.<sup>a</sup>, 1960, pp. 181-253) Luís Chaves, para se justificar de falar das louças de Barcelos e mencionar as *do Prado* apenas em duas transcrições de R. Ortigão, faz uma cita (pp. 252-253, nota 35) do trabalho de J. S. P. de Villas-bôas a que me referi na nota 7: « Barcelos, concelho onde não são raras as indústrias populares, na sua totalidade por estudar, possui, como a mais notável, a das olarias. Impròpriamente Rocha Peixoto a englobou com outras, chamando ao grupo «do Prado».

Fernanda de Matos Cunha em *Notas Etnográficas Sobre Barcelos*



(Porto, 1932), falando das « estatuetas », acrescenta em nota (p. 61) que R. Peixoto no trabalho *As Olarias do Prado* « estuda cerâmica análoga a esta [de Barcelos], no concelho de Vila Verde, contíguo ao de Barcelos. » A mesma confusão está patente.

E para terminar: Há no Museu de Arte Popular, de Lisboa, uma vitrina com « bonecos *do Prado* ». Ora esses bonecos resultaram da participação de João de Macedo Correia (Barcelos) na Exposição do Mundo Português (1940) e foram executados (em Barcelos) de acordo com desenhos que Francisco Laje (que intervinha não sei em que qualidade na organização da exposição, ou de parte dela) forneceu àquele senhor (a quem devo a informação). Esses desenhos eram quase todos, senão todos, extraídos do estudo citado de R. Peixoto. A atribuição da localidade de proveniência dos bonecos reconstituídos (reconstituição que se dispensava pois havia e há ainda quem os saiba modelar « espontaneamente ») baseia-se, portanto, no trabalho do etnógrafo poveiro. Acontece, porém, que noutra escaparate ao lado se encontram « bonecos de Barcelos ». O critério usado para distinguir uns dos outros reside na cobertura: os *do Prado* são vidrados e os de Barcelos são pintados, como explicita o roteiro do Museu (p. 3): «... numa série de montras: bonecos de barro pintado de Barcelos e de Vila Nova de Gaia, de barro vidrado de Prado (Vila Verde)... ». Tal distinção afigura-se-me arbitraria, até porque já R. Peixoto assinala a inovação das tintas (*ob. cit.*, nota 1, p. 269. A Luís Chaves também escapou essa nota ou não lhe deu a importância que tem: Vd. *Os Barristas Port.*, p. 75).

Ao visitante menos prevenido, quer dizer: à grande maioria dos visitantes, pode parecer que se trata de duas proveniências diferentes, quando realmente está ali patente, quando muito, e se não erro, a diversificação levada a efeito pelo tempo. O lugar, esse, é o mesmo. Por amor da clareza, entendo que se impõe nesse ponto a correcção do roteiro e dos letreiros dos escaparates em questão.

(14) *Ob. cit.*, p. 266.

(15) Este facto mais ressalta se tivermos em conta os dois troços da antiga estrada que, desde Real até Braga, não fazem parte da actual ligação rodoviária por serem demasiado íngremes. O último destes troços corresponde à antiga entrada, por este lado, na cidade dos arcebispos, e desemboca mesmo atrás da igreja do Pópulo, a dois passos, portanto, do Campo da Vinha.

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
Tipografia VITÓRIA — Barcelos

MUNICIPIO DE BARCELLO  
BIBLIOTECA







biblioteca  
municipal  
barcelos



7429

Donde vem a confusão entre  
louças do Prado e louça.